



COMIDA E O PROCESSO DE TRANSTERRITORIALIZAÇÃO NO CANDOMBLÉ, UMBANDA E QUIMBANDA EM BOCAIÚVA, MINAS GERAIS, BRASIL

FOOD AND THE PROCESS OF TRANSTERRITORIALIZATION IN CANDOMBLÉ, UMBANDA AND QUIMBANDA IN BOCAIÚVA, MINAS GERAIS, BRASIL

COMIDA Y EL PROCESO DE TRANSTERRITORIALIZACIÓN EN EL CANDOMBLÉ, UMBANDA Y QUIMBANDA EN BOCAIÚVA, MINAS GERAIS, BRASIL

Daniel Coelho Oliveira

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros
(UNIMONTES)

Coordenador Adjunto do Mestrado Sociedade, Ambiente e Território
(UFMG-UNIMONTES)

E-mail: daniel.coelhoo@yahoo.com.br

Fábio Silva Gonçalves

Doutorando em Desenvolvimento Social - PPGDS (UNIMONTES-MG)

E-mail: fabbyogeo@hotmail.com

RESUMO:

Os territórios sagrados da Candomblé, Umbanda e Quimbanda não se restringem aos templos, mas existe um *continuum* espiritual e material deles. Neste sentido, o presente trabalho objetiva analisar o fenômeno da transterritorialização dos terreiros Ilê Caboclo Pena Branca e Ogum Rompe Mato e no Zambi-Iris, situados no município de Bocaiúva, Minas Gerais, Brasil, tendo como enfoque o sentido hierofânico das comidas e elementos coadunares das oferendas feitas às divindades em ambos os terreiros. A metodologia adotada se estruturou em uma revisão bibliográfica sobre a temática e um conjunto de entrevista, observações e registros fotográficos no trabalho de campo. O resultado da pesquisa descreve um conjunto de especificidades nos transterritórios estudados. Espaços que por um lado, são considerados sagrados pelo conjunto de adeptos das religiões afro-ameríndio-euro-brasileiras bocaiuvenses, mas por outro sofrem forte aversão de adeptos de outras religiões.

Palavras-chave: Alimentação, Religiões Afro-Ameríndio-Euro-Brasileiras, Transterritórios.

ABSTRACT:

The sacred territory of Candomblé, Umbanda and Quimbanda is not restricted to temples, but there is a spiritual and material continuum of them. In this sense, the present work aims to analyze the phenomenon of transterritorialization of Ilê Caboclo Pena Branca e Ogum Rompe Mato and Zambi-Iris, terrariums in the municipality of Bocaiúva, Minas Gerais, Brazil, focusing on the hierophanic sense of the food and coadunar elements of the offerings made to the deities in both terreiros. The methodology adopted was structured in a bibliographic review on the subject and a set of interviews, observations and photographic records in the field work. The result of the research describes a set of specificities in the studied subterritories. Spaces that on the one hand are considered sacred by the group of adherents of the Afro-Amerindian-Euro-Brazilian religions bocaiuvenses, but on the other they suffer a strong aversion of adherents of other religions.

Keywords: Food, Afro-Amerindian-Euro-Brazilian Religions, Transterritories.

RESUMEN:

Los territorios sagrados del Candomblé, Umbanda y Quimbanda no se restringen a los templos, pero existe un continuo espiritual y material de ellos. En este sentido, el presente trabajo objetiva analizar el fenómeno de la transterritorialización de los terreros Ilê Caboclo Pena Branca y Ogum Rompe Mato y en el Zambi-Iris, situados en el municipio de Bocaiúva, Minas Gerais, Brasil, teniendo como enfoque el sentido hierofânico de

las comidas y elementos coadunares de las ofrendas hechas a las divinidades en ambos terreros. La metodología adoptada se estructuró en una revisión bibliográfica sobre la temática y un conjunto de entrevistas, observaciones y registros fotográficos en el trabajo de campo. El resultado de la investigación describe un conjunto de especificidades en los transterritorios estudiados. Espacios que por un lado, son considerados sagrados por el conjunto de adeptos de las religiones afro-amerindio-euro-brasileñas bocaiuvenses, pero por otro sufren fuerte aversión de adeptos de otras religiones.

Palabras clave: Alimentación, Religiones Afro-Amerindio-Euro-Brasileñas, Transterritorios.

1 INTRODUÇÃO

A alimentação, além do axiomático papel nutricional, imprime relações de sociabilidade, abarca uma gama multifatorial e acaba por transgredir os limites da concepção fisiológica e mecânica do ato de comer: envolve fatores sociológicos, espaciais, antropológicos, econômico-mercadológicos, político-administrativos e, claro, religiosos. Ela é, portanto, uma temática que abrange um sistema de elementos e circunstâncias interconexas, quando é possível destacar a relação dela com as práticas religiosas.

No que tange às religiões Candomblé, Umbanda e Quimbanda, cada uma em particularidades teológicas e em relevâncias distintas, a alimentação implica elemento notável, tanto nos culto-rituais praticados, quanto na vida secular dos adeptos. Pensar sobre isso, pressupõe compreender como os candomblecistas, umbandistas e quimbandeiros se encontram mediados social, cultural e espiritualmente no entreposto comida-religião. Significa, outrossim, se reportar a um mundo em que o alimento, muitas das vezes, torna a comida, não apenas a comida dos homens, mas a comida das entidades que são cultuadas por eles (NADALINI, 2009; RIBEIRO, 2009; RABELO, 2013).

Todavía, o assunto “Candomblé-Comida” encerra mais pesquisas e achados literários (BASTIDE, 1978; GAMA, 2009, NADALINI, 2009; AGUIAR, 2012), cada um com uma perspectiva diferenciada. Já sobre a “Umbanda/Quimbanda-Comida”, pouco se encontra, por sinal não em unísono, havendo mais informações em sites vinculados às casas umbandistas¹ (numa perspectiva mais de “receita” do que de analítica) ou trabalhos acadêmicos em que a comida não é centralidade, mas que se concatenando a um contexto geral da religião umbandista (ORTIZ, 1999; AMARAL, 2002; PEREY, 2008; PORTUGAL, 2014), permite tecer algumas abstrações sobre as práticas envolvendo comidas na Umbanda/Quimbanda, sobretudo em relação às oferendas.

¹ Comumente, os sites referidos, que são muitos, tratam de “receitas” e do “como preparar” as oferendas ou rituais envolvendo alimentos, conforme crença e teologia de cada mantenedor dos respectivos sites. Vide, por exemplo: www.aldeiacabocloopenabranca.webnode.com.br/orixas/; www.fucesp.com.br/news/amacis-amalas-comidas-bebidas-de-santo/; www.umbandabrasileira.wordpress.com/2008/09/24/comidas-de-santos/.

É necessário enfatizar que o presente trabalho não deixa de estudar os territórios do *homo religiosus* candomblecista, umbandista e quimbandeiro, notadamente a territorialidade exercida por meio das relações sagradas expressas pelas práticas culturais envolvendo oferendas/comida nos/dos terreiros do município de Bocaiúva, Minas Gerais, Brasil (doravante Bocaiúva).

Acreditamos que o uso dos espaços públicos, e às vezes privados, para práticas rituais com comidas (encruzilhadas, cemitérios, praças, jardins públicos, cachoeiras, matas, etc.) trazem à tona a perspectiva de Milton Santos quando aclara que o território vai além da parte física e do uso desta pelo Estado, isto é, ele se forma pela lógica do uso por parte da população (SANTOS, 2008). Assim, para a população umbandista, quimbandeira e candomblecista em Bocaiúva² usar aqueles espaços para manifestação do sagrado que os é inerente acabam criando uma nova territorialidade, ou transterritorialidade, isto é, os territórios instaurados a partir da prática ritual com comida em determinados espaços.

As religiões estão intimamente relacionadas “ao ato de comer”, seja nas suas liturgias, seja na vida cotidiana de seus adeptos, por isso pomos em perspectiva as diversas características assumidas pela comida no contexto daquelas religiões em Bocaiúva, Minas Gerais. Tais nuances, resumidamente, consistem em analisar a comida utilizadas nos rituais e nos distintos territórios engendrados por eles, os chamados transterritórios vinculados ao arreiço da comida das divindades do “Ilê Caboclo Pena Branca e Ogum Rompe Mato” e do “Terreiro de Umbanda Zambi-Iris”, em Bocaiúva, doravante denominados respectivamente de Ilê e Zambi-Iris.

As questões as quais nortearam esta pesquisa foram: quais os componentes ritualísticos e materiais/ingredientes que compõem as comidas das oferendas? Quais fatores estão incluídos nos processos de territorialização/transterritorialização envolvendo as comidas de oferendas nesse município e quais são estes territórios/transterritórios?

Em se tratando do objetivo deste artigo, buscamos analisar os territórios e transterritórios produzidos pelo Candomblé, Umbanda e Quimbanda em Bocaiúva e a relação destes territórios/transterritórios com a comida das divindades cultuadas pelo Ilê e pelo Zambi-Iris.

Para o alcance do objetivo proposto na pesquisa foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: inicialmente foi realizada a revisão bibliográfica sobre a temática, com destaque para aspectos teóricos e de ordem epistemológica sobre a alimentação/comida; fundamentos teológicos e ritualísticos sobre o Candomblé e a Umbanda/Quimbanda; elementos histórico-

² O município de Bocaiúva é fortemente marcado pela religiosidade de seus habitantes e tem nela esteio de formação histórico-cultural e social. Esse município marca e deixa ser marcado pela tradição oral e pelo arranjo arquetipo social arraigado à matriz religiosa, principalmente no que diz respeito ao Catolicismo, consagrado no “espaço sagrado” do padroeiro “Senhor do Bonfim”, conforme asseveram Ribeiro (2013); Alves (2012) e Alves (2014). Contudo, neste cenário outras religiões vêm assumindo relevância, modelando territórios religiosos, inclusive o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda.



geográficos contextuais e gerais sobre o município de Bocaiúva com enfoque nas questões dos campos religiosos que o circundam.

Após a realização da revisão bibliográfica foi iniciado um trabalho de campo. Este se regeu, *a priori*, pela observação participante nos terreiros de Candomblé, Umbanda e Quimbanda de Bocaiúva. A observação participante consiste numa proposta onde o pesquisador produz um relacionamento multilateral com determinado grupo social. Com esse método o pesquisador se aproxima mais do evento investigado, sendo que as incursões mais frequentes nos cultos e situações cotidianas do grupo permite maior decodificação dos imaginários, vocabulário, símbolos e ritos válidos e coerentes tais como se apresentam para os respectivos adeptos, havendo maior correspondência ao modo como os próprios integrantes professam a crença. Além disso, foram realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas aos líderes e demais partícipes dos terreiros.

A pesquisa revelou que atualmente, em Bocaiúva, existem quatro terreiros que realizam o culto afro-ameríndio-euro-brasileiro³ rotineiramente, abrindo espaço para algumas atividades públicas. São eles: Tenda de Umbanda Pai Jacó (Umbanda e Quimbanda); Tenda de Umbanda Estrela Ascendente (Umbanda e Quimbanda); Terreiro de Umbanda Zambi-Iris (Umbanda e Quimbanda); e Ilê Caboclo Pena Branca e Ogum Rompe Mato (Candomblé, Umbanda e Quimbanda). Além destes, por meio de pesquisa de campo, foram localizadas mais 14 casas que funcionam como terreiros esporadicamente e com atividades não abertas ao público e numa perspectiva clientelista. A localização dos terreiros se deu por meio de informantes e propagandas em rádios, folhetos distribuídos pela administração dos supracitados terreiros.

O trabalho de campo permitiu à criação da Figura 1. O procedimento foi o seguinte: após acompanhar durante aproximadamente 18 meses os adeptos do Ilê e do Zambi-Iris na realização do arreo⁴ das comidas nos transterritórios, percebemos que alguns lugares sempre repetiam para tal, havendo uma relação “comida *versus* divindade *versus* transterritório”. Obtidas estas informações, foram coletadas as coordenadas geográficas de cada transterritório com um Sistema de Posicionamento Global (GPS) e por meio do *software* ArcGis 10.0 foi confeccionado um mapa com a localização de cada uma dos transterritórios.

³Conforme Souza (2008), o termo afro-brasileiro é usado para indicar mestiçagens para os quais as principais matrizes são as africanas e as lusitanas, comumente com entremeios indígenas, ressaltando que tais manifestações são acima de tudo brasileiras por terem se confluído no Brasil. Não obstante, neste artigo quando se tratar de abstrações, ideias e tipologias textuais nossas, optamos pelo termo religiões “afro-ameríndio-euro-brasileira” por acreditar que o termo “afro-brasileiro” em se tratando de religiões acaba por invisibilizar semanticamente a formação sincrética, que além das influências africanas, consta também com influências indígenas e europeias, sendo particularizadas em solo brasileiro. A despeito dos movimentos de reafricanização ou desafricanização, entre outros de adesão a um ou mais elementos desses componentes, todos esses elementos são muito importantes nos cultos de Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Xangô, Tambor de Mina, Batuques, Macumbas, etc.. Portanto, ao usar a expressão religiões afro-ameríndio-euro-brasileiras, referimo-nos às supracitadas religiões.

⁴ Arriar a comida/oferenda é entregá-la para a entidade em local específico.

2 DOS TERRITÓRIOS SAGRADOS AO FENÔMENO DA TRANSTERRITORIALIZAÇÃO

A manifestação do sagrado é um relevante mecanismo de territorialização. Ao utilizar determinados espaços para cultos, louvores, rituais, festas e variadas realidades de ligação entre o homem e o divino, tais locais são ressignificados e assumem a dimensão de território. Este território, muitas das vezes, extrapola a dimensão física do espaço e assume a dimensão metafísica, imbuída de significados, linguagens, limites e fronteiras reconstruídos pela lógica espiritual de enxergar a realidade. Há, desta forma, uma transformação do território profano em “território sagrado”.

Os elementos constituintes do escopo das várias religiões são verdadeiros territorializadores, tendo em vista que conseguem, sobretudo aos olhos dos fiéis, demarcar o espaço sagrado, diferenciá-lo do profano ou ainda associar o sagrado ao profano. Fazer preces, oferendas, fazer o sinal da cruz, ajoelhar, silenciar, glorificar, emitir (des)respeito, são alguns meios de instituir o território sagrado. Por outro lado, templos, igrejas, centros, terreiros, sinagogas, tendas, entre tantos outros espaços, juntamente com o conjunto material que possuem dentro deles, por si só já delimitam espaços sagrados territorializados.

O empoderamento desses espaços, atribuição de elo comunicador homem-divino e, assim, a própria consagração deles ao divino confere à religião a habilidade de estabelecer territórios relativizados e com características particulares, ao mesmo tempo em que permite estabelecer uma rotura entre a cosmovisão profana e cosmovisão sagrada; uma fronteira entre o espaço do homem e o espaço do divino; o limite entre o “alto” e o “baixo”. Assim, Eliade (2010, p. 30) afirma: “Todo espaço sagrado implica em uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”.

A constituição do território, sob a ótica das várias religiões, apenas ocorre quando há a repetição do ato da criação emitida pelo sagrado, isto é, a passagem do Caos em Cosmo. Isso porque se instalar em um território e a todos os seus aspectos constituintes implica em consagrá-lo a partir da perspectiva de mundo que o sujeito adota. O Cosmo é o território do homem religioso, ordenado, organizado, simbólica e materialmente erigido aos deuses: se trata do espaço apropriado pelo e para o divino. O Caos é todo o espaço além-Cosmo, aquele desorganizado, inabitado pelos deuses e sujeito ao desordenamento do profano. O território sagrado é a transmutação do espaço profano caótico para o espaço sagrado “cosmovizado”. Deste modo, o território sagrado é uma



reinvenção, recriação e ressignificação do território profano a partir do entendimento de que o ato de recriar é uma repetição da capacidade criadora do deus (Ibidem; MARTINS, 2009).

Já o fenômeno da transterritorialização é um tipo específico de territorialização encetado por candomblecistas, umbandistas e quimbandeiros ao utilizarem espaços públicos para manifestação do sagrado particular destas religiões, como as festas de Iemanjá nas praias ou as procissões a Oxalá no estado Bahia (Brasil) (CARNEIRO, 2011).

A territorialização interna ocorrida nos terreiros é caracterizada como concretas e a realizada em espaços fora dos muros dos terreiros é tida com vasta, já que são muitas as possibilidades de rituais e espaços cosmizados por aquelas religiões. Nesse sentido, o autor supramencionado explicita que a transterritorialização passa a ser contraposta pelos grupos sociais que conflitam no espaço urbano, a exemplo do mercado imobiliário, ambientalistas ou sociedades religiosas intolerantes à prática das religiões afro-ameríndio-euro-brasileiras, o que logicamente pode resultar em processos de desterritorialização, quando o oferendar, por exemplo, pode ser tido como poluidor, antiético, descaracterizador da paisagem ou um ato de profanidade (CARNEIRO, 2011).

A atuação dos sujeitos/atores sociais na produção dos territórios remete à compreensão das práticas alimentares sob a ótica da própria população que a produz, por permitir assimilar aspectos mais valorativos e atitudinais, não apenas o viés econômico ou nutricional ou com ênfase na produção, distribuição e comercialização dos alimentos. Ao lidar com os adeptos das religiões aqui em voga e “deixá-los dizer” sobre o que dão de comer (para homens e divindades), o que comem e o que deixam de comer, por exemplo, é possível compreender aspectos hierofânicos, cosmogônicos, valorativos e atitudinais, que expressam questões ligadas à fé que comungam e às influências advindas desta fé para o cardápio dos homens e dos espíritos.

3 DO ILÊ/ZAMBI-IRIS AOS TRANSTERRITÓRIOS EM BOCAIÚVA: COMIDA CIRCULANTE, COMIDA TERRITORIALIZANTE

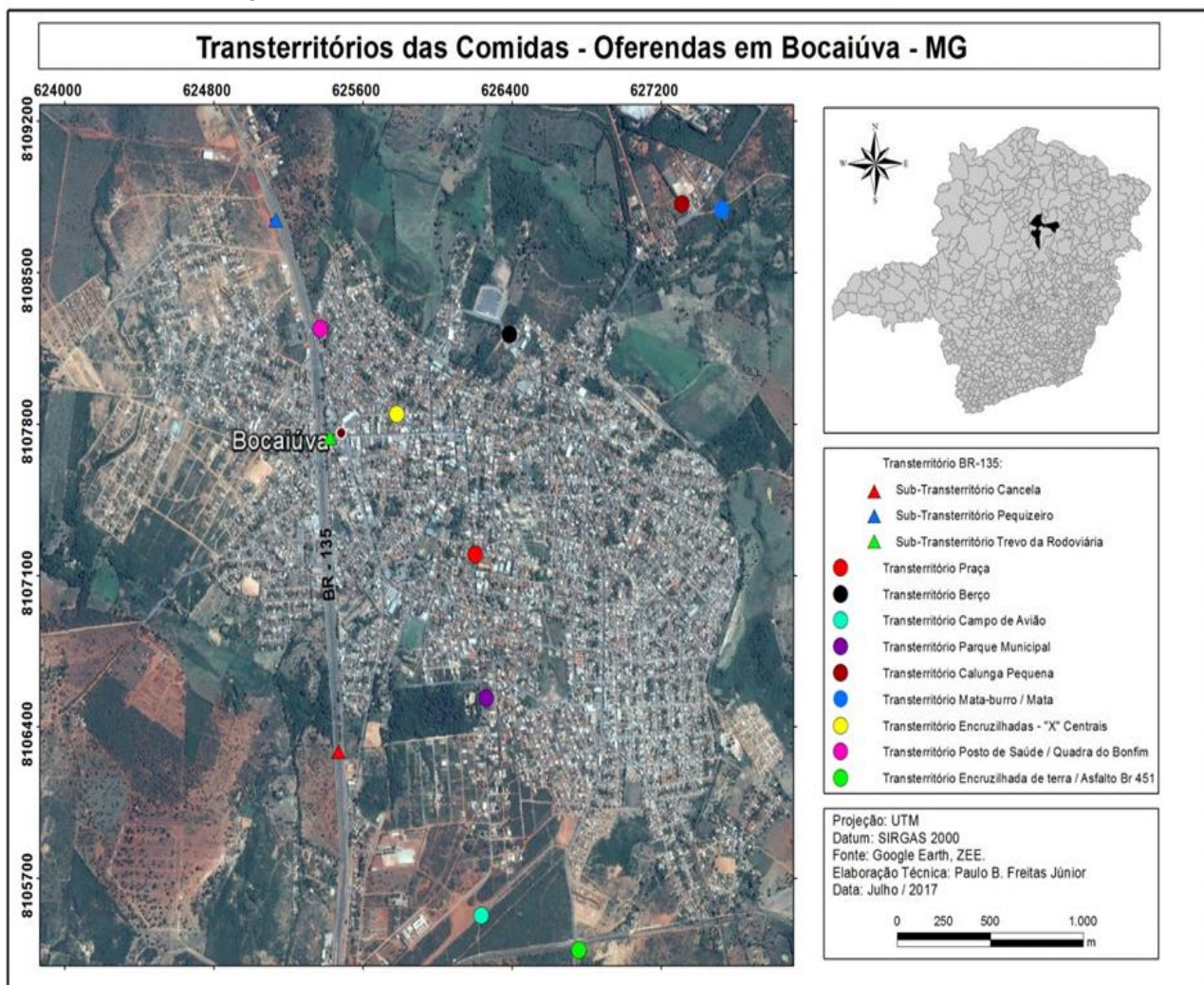
As religiões Candomblé, Umbanda e Quimbanda promovem diversos mecanismos de transterritorialização por meio das atividades inerentes a *práxis* religiosa imanente a elas. Um dos elementos que mais se destacam na transterritorialização são as comidas das entidades, as quais compõem as oferendas. Em face disso, o Ilê e o Zambi-Iris promovem, por meio do arreio da comida às divindades cultuadas, os transterritórios sagrados em Bocaiúva, verdadeiros “oferendários”, nos quais os produtos culinários para as entidades, por assim dizer, advindos das cozinhas sagradas existentes em seus espaços cultuais (território-cozinha) se expandem para

diversos espaços do município, demarcando e sacralizando espaços antes profanos e agora sagrados por sediarem e se tornarem receptáculos das comidas oferecidas às divindades. É preciso ressaltar que nem no Ilê e nem no Zambi-Iris o termo “transterritório” é conhecido, sendo antes chamados de locais/pontos de força, encruzilhadas, matas, calunga, etc., sendo, portanto, uma denominação conceitual proposta por esse trabalho.

Assim, optamos pelo termo “transterritórios” tendo em vista que se pretende não apenas aprofundar um conceito em construção, mas também pelas particularidades destes territórios, que como o próprio prefixo “*trans*” indica (além de, dinâmica, movimento) se reportam a espaços marcados por contextos específicos das religiões aqui em voga, onde se inclui, por exemplo, as relações entre eles e a comidas/ofereidas circulantes.

Contudo, insta salientar que os transterritórios não são espaços fixos, imutáveis, mecanicamente engendrados, mas que se dão por repetência em receber as comidas das entidades. São espaços comumente utilizados para arriar as comidas advindas do Ilê e do Zambi-Iris, os quais consideram os transterritórios escolhidos para arriarem a comida por motivos de facilidade, “segurança”, pela representatividade hierofânica neles vista ou até mesmo pelo costume em fazer os trabalhos neles. Além deles, há certamente, outros espaços bocaiuenses os quais se transformam em transterritórios, mas por opção foram mapeados somente os territórios vinculados rotineiramente às instituições religiosas estudadas. Ao todo foram identificados 11 transterritórios (Figura 1), os quais serão descritos a seguir. O transterritório “Campo de Avião” não foi analisado por não sediar práticas do Ilê ou do Zambi-Iris, embora seja utilizado por outros terreiros para arriar as comidas.



Figura 1: Carta Imagem dos Transterritórios em Bocaiúva-MG

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo

3.1 TRANSTERRITÓRIO CALUNGA PEQUENA

Este transterritório está situado no cemitério municipal de Bocaiúva. O cemitério se localiza pouco acima e bem próximo a dois córregos (aproximadamente 600 metros): o Macaúba e Angico, afluentes do rio Jequitaiá. O referido cemitério, construído numa tentativa de “afastar os mortos” das áreas mais urbanizadas de Bocaiúva, é um espaço de transformações e permanências relativas à memória e às construções do/pelo imaginário coletivo bocaiuvense. Neste sentido, entende-se que o caráter “espiritual” que sonda aos cemitérios permite incutir neles novos mecanismos de sacralidade, como é o caso do encontro nele de vários elementos simbólicos advindos de várias religiões (ALVES, 2014).

Neste cenário, é possível dizer que uma das transformações é que a comida das entidades se gesta e contribui para uma transterritorialização, pois há uma apropriação simbólica dos elementos

da mística que envolve um cemitério: cruzeiros, túmulos, almas, portões espirituais, área de domínios de Exus, Pomba-Giras, Pretos-Velhos e do Orixá Obaluaiê. Calunga Pequena é uma expressão usada no Zambi-Iris e no Ilê para fazer referência aos cemitérios.

As comidas arriadas neles são destinadas ao Orixá supramencionado, Pretos-Velhos e para os Exus João Caveira, Tranca-Ruas das Almas, bem como para as Pombo-Giras Rosa Caveira, Maria Padilha das Almas, Maria Quitéria. Enfim, para todas as entidades cuja tipologia existencial se reporta ao cemitério, morte, almas, esqueletos, catacumba, etc.. A comida nesse transterritório é usada como três sentidos genéricos: promover a cura, pois Obaluaiê, Orixá da calunga, também é o dono da cura e dono da terra; enfeitiçar para o “mal”, pois a calunga é tida como um espaço onde se encontram espíritos que ainda não encontraram a “luz”, são “almas penadas”; ou para se fazer o desmanche de “trabalhos feitos” na própria calunga, considerando-se o segundo sentido esclarecido. Desta forma, a comida no transterritório Calunga Pequena é uma “comida que cura”, uma “comida que vinga/mata/arruína” ou uma “comida que desmancha”.

Segundo Lucas, membro do Zambi-Iris: “A calunga é terra aonde todo mundo vai, vivo ou morto, não tem como fugir dele. Por isso os trabalhos feitos na calunga têm muita força, porque tem muita energia concentrada lá [...] Na calunga tudo pega mais rápido”.

Nesse lugar, onde os trabalhos surtem efeito com mais rapidez porque “tem muita energia concentrada” as principais comidas são o *deburu* de Obaluaiê, o padê de Exu, e a de Pomba-Gira, além de pares de sandália (fechar, abrir caminhos), peças íntimas (amor, sexo) e outros complementos a depender do objetivo do trabalho realizado, a exemplo de apenas agradar a entidade cultuada.

Neste transterritório as comidas estão em tensão: são comidas que disputam espaço com outros símbolos religiosos, conforme se vê na Figura 2 (o próprio cruzeiro, crucifixos, imagens de santos católicos), num verdadeiro “mar de velas derretidas”, advindos de rituais no transterritório Calunga Pequena. Por este motivo, o cemitério é um espaço entre a “cruz e o *ebó*”. Nele, no dia de todos os santos, (dia de Finados), enquanto a maioria visita a calunga para lembrar os mortos, os umbandistas do Zambi-Iris celebram com comidas/ofereidas os vivos espíritos de Preto-Velhos.



Figura 2: Símbolos religiosos em disputa: contracena entre uma imagem católica e uma oferenda advinda do Ilê



Fonte: Os Autores, pesquisa de campo

As religiões Candomblé, Umbanda e Quimbanda produzem e reproduzem territórios sagrados em termos físicos, a exemplo dos próprios terreiros; espaços de domínio público, como praças, parques, jardins, pontes, cemitérios e ruas, bem como de cachoeiras, rios, praias, áreas de relevo mais acidentado, matas, etc., tanto para realizar o arreo de oferendas/comidas quanto para outros elementos ritualísticos, concedendo a estes espaços um sentido hierofânico e, logo, aplicando a conversão dos mesmos do profano para o sagrado. Nesta lógica, os espaços sagrados e profanos são opostos, mas se atraem à medida que para existência de um, depende da preexistência do outro (ROSENDAHL, 1996; ELIADE, 2010). Assim, na figura 2 podemos perceber resíduos de velas provenientes de rituais de diversas religiões no cemitério.

3.2 TRANSTERRITÓRIO MATA-BURRO/MATA⁵:

Há poucos metros do transterritório Calunga Pequena se situa outro transterritório o “Mata-Burro/Mata”. O ponto faz referência a um “mata-burro”, pontilhão feito traves (madeira ou ferro), que se cruzam e deixam espaços sobrepostos acima de um fosso, com objetivo de impedir a passagem de animais, principalmente equinos e gado bovino. Próximo a ele, há uma estrada vicinal contendo ainda ambiente com muitas árvores típicas do bioma Cerrado.

Os umbandistas utilizam o espaço a partir da simbologia do “mata-burro”, isto é, passagem com dificuldade, quem passa sobre ele reflete a possibilidade de “cair no fosso” e, por isso, passa devagar. Também implica em “parar algo”, assim como impede a passagem de animais. A outra apropriação simbólica da mata está coadunada à possibilidade de arriar a comida com mais tranquilidade, está próxima ao mata-burro, fazendo este contexto paisagístico lembrar o Boiadeiro, sendo nestes espaços servida a comida dele, a exemplo da comida servida ao Boiadeiro Rio Grande.

A extensão dos trabalhos ritualísticos para além dos templos, principalmente em áreas menos urbanizadas e com predomínio de elementos paisagísticos naturais mais evidentes que se fazem rememorar as entidades cultuadas, sintonização com os fluidos energéticos delas, além de ter mais tranquilidade para realização dos rituais, o que em ambientes com maior circulação de pessoas, veículos e barulhos diversos poderia não ser tarefa fácil. O preconceito também é um dos motivos que podem levar candomblecistas, umbandistas e quimbandeiros a procurar locais mais afastados dos centros urbanos⁶.

A comida no transterritório Mata-Burro/Mata é a “comida para ‘trans-por’ dificuldades”, ou uma “comida do sertanejo”, quando o território rememorado é uma amostra do espaço rural mais deglutido pela paisagem urbana. Fora estas simbologias, as mesmas comidas servidas no transterritório Calunga Pequena podem ser usadas no transterritório Mata-Burro/Mata, já que são geograficamente vizinhos. A comida da calunga vai para o Mata-Burro/Mata quando o cemitério está fechado, movimentado em excesso ou a comida precisa estar arriada por mais tempo, já que os zeladores do cemitério sempre retiram as oferendas.

⁵ Mata se refere, nas análises de transterritorialização neste trabalho, à vegetação. Isto porque é uma linguagem utilizada tanto no Ilê quanto no Zambi-Iris para se referirem aos espaços com mais presença arbórea e menos construções civis, por exemplo.

⁶ Alguns rituais podem demandar o uso de espaços em meio a contextos mais urbanos, como por exemplo, trabalhos a Xangô, Orixá da justiça, próximos a fóruns; ou a Exus e Pomba-Giras em encruzilhadas ou próximos aos mercados.



3.3 TRANSTERRITÓRIO BR 135

A BR 135 passa dentro da sede munícipe de Bocaiúva, ligando o território bocaiuvense aos municípios de Montes Claros e Engenheiro Navarro. Neste interim, ela é usada sob três sub-transterritórios: o Pequizeiro, o Trevo da Rodoviária e a Cancela. Como a BR 135 apresenta grande fluxo de pessoas, capital e mercadorias, a comida arriada nela foi vinculada à ideia de prosperidade, abertura/fechamento de caminhos, livrar de aspectos negativos/incômodos.

O sub-transterritório Pequizeiro é entendido como uma “reminiscência de mata”; se destaca por ser uma árvore isolada, testemunha de uma área que foi desmatada. Assim, junta-se a necessidade de trabalho com árvore e estrada. A comida é a de Oxóssi, o que traz e leva a fartura, o que caça. Esporadicamente, sendo dificultado o arreio de comida de Exu em outros lugares, arreia-se nela comida dos Exus, principalmente os do Zambi-Iris.

Já o sub-transterritório Cancela, segue a mesma lógica quando o transterritório Mata-Burro/Mata relembra o Boiadeiro. A diferença é que o sub-transterritório Cancela está situado às margens de uma BR movimentada, capaz de fazer a “comida fluir”, como asseverou Mametto Ominguêre em março de 2017: “A cancela é passagem entre dois lugares, quando ela se abre você passa ou fica, né meu filho?”. Assim, a comida que o caracteriza é a comida para o Boiadeiro e, às vezes, para Caboclos.

O sub-transterritório Trevo da Rodoviária, vizinho geográfico do terminal rodoviário de Bocaiúva e no extremo Oeste da principal Avenida de Bocaiúva, integra ao Eixo litigioso Cristão/Espírita-Candomblé-Umbanda-Quimbanda, uma vez que se situa entre dois símbolos da fé Cristã em Bocaiúva: a Placa “Bem-vindo a Bocaiúva: Terra do Senhor Jesus” e a Placa “Bem-Vindo a Bocaiúva: Terra do Senhor do Bonfim”. A comida mais depositada é a de Exu, pois simboliza entroncamentos, nela passam e dão acessos a vários caminhos, sendo por isso também arriada a feijoada de Ogum, pois é também o Orixá da estrada e regente do Ilê. Contudo, é também um sub-transterritorialização advinda do Zambi-Iris. No sub-transterritório Trevo da Rodoviária a comida de Exu e de Ogum ainda contracena com uma estrutura simbólica referente à Maçonaria em Bocaiúva, o que enfatiza o caráter de disputa pelo espaço que caracteriza o acesso à principal Avenida do município.

O fenômeno da transterritorialização nem sempre se dá de forma pacífica. Ante a esta premissa, há uma série de tensões vividas por umbandistas, quimbandeiros e candomblecistas, comumente consumadas por atos de violências contra os terreiros. Agressões verbais, físicas,

destruição de altares, violação de “oferendas”, cultos cristãos para desmoralização e demonização das religiões afro-ameríndio-euro-brasileiras simbolizam disputas territoriais, muitas vezes ocorridas tacitamente. O discurso sagrado teologicamente contrário à manifestação do sagrado do Candomblé, Umbanda e Quimbanda tem fundo de “desterritorialização”, ou tentativa disto, tanto em contexto físico (invasões a terreiros) quanto metafísico (associação a espíritos demoníacos) (MORAIS, 2014).

3.4 TRANSTERRITÓRIO POSTO DE SAÚDE/QUADRA DO BAIRRO BONFIM

Este transterritório, utilizado com maior frequência pelo Ilê, está situado entre o subterritório do Pequizeiro e o Trevo da Rodoviária, pois também está nas imediações da BR 135, porém devido à maior dimensão física do espaço utilizado e do significado hierofânico próprio em sua transterritorialização ele não se categoriza como subtransterritório, mas como um transterritório autônomo. O objetivo ao se realizar o arreio da comida, normalmente para Exu e Pomba-Gira, está relacionado também à cura de males físicos e espirituais, pois a referência é um posto de saúde conhecido no município por Bonfim, toponímia ao bairro onde se localiza, que por sua vez é o bairro mais antigo de Bocaiúva, o Bonfim.

Outra referência do transterritório é a quadra de futsal conhecida como “Quadra do Bonfim”. Nele também são arriadas comidas para os Erês, a exemplo do caruru e guloseimas, cujo arreio neste lugar está relacionado à grande movimentação de crianças que utilizam a quadra para praticar esportes, onde há a crença de que há muitos Espíritos Erês acompanhando tais crianças. No caso específico, o objetivo da comida é promover a felicidade, ajudar crianças em perigo, etc.

3.5 TRANSTERRITÓRIO ENCRUZILHADA DE TERRA/ASFALTO BR 451 E ENCRUZILHADA “X” CENTRAIS

Este primeiro transterritório é de origem do Zambi-Iris. Segundo os entrevistados do Zambi-Iris Mateus e Sérgio, é um dos transterritórios mais utilizados, pois dá para arriar lá vários tipos de comida: de Exu e Pomba-Gira; Oxóssi, Ogum, Xangô, Zé-Pelintra etc., sendo nele realizados mais trabalhos de “amarração de amor” prosperidade e “vencer demandas”. O nome encruzilhada BR 451 se deve ao fato de a transterritorialização ocorre em uma encruzilhada em formato sinal de mais (+) formada pela BR 451 que dá acesso ao município de Olhos D’Água (MG). A escolha do local se dá também porque é mais tranquilo se realizar o arreio da comida, devido à menor circulação de



pessoas (considerando a entrada na mata, que apesar de estar ao lado da BR não permite ver os rituais realizados dentro da referida mata), ainda assim correndo o risco de a oferenda ser destruída.

O transterritório é escolhido pelos umbandistas do Zambi-Iris por se constituir numa encruzilhada em forma de “X” formada pela Rua Espírito Santo e Antônio Fróis, esta paralela à Avenida Francisco Dumont, no centro comercial de Bocaiúva.

A comida arriada neste transterritório é essencialmente dos Exus e Pomba-Giras, voltada para demandas de corte de “trabalhos feitos”, pelo fato de a encruzilhada lembrar uma tesoura, bem como de casos de “amarrações amorosas” e prosperidade. Em casos que envolvem estudos, conhecimento também se arreia nele, há poucos metros, fica situada uma Escola Estadual. Contudo, há receio em fazer trabalhos nela, pois como afirma o entrevistado Natanael, membro do Zambi-Iris na referida encruzilhada se localiza o Ilê, podendo gerar duplas interpretações a respeito da comida arriada, segundo afirma já ter ocorrido.

Há de se considerar que há relação entre alguns transterritórios e o fenômeno da “louvação” às entidades, principalmente nos transterritórios instaurados pelo Zambi-Iris. Isto, muitas vezes, faz lembrar a ideia de que determinados espaços são governados pelas divindades ou imprime o sentimento de pertencimento a elas. Ao que tudo indica, há uma associação identitária entre o ser espiritual ao espaço físico, uma forma de conexão, produção/reprodução de fluidos energéticos entre o imaterial e o material; poder ou governabilidade que incide diretamente sobre os homens, os quais devem respeitar e reconhecer o território terreno como sendo do espírito divinizado. A música é uma das formas de construção simbólica das entidades, ou seja, um mecanismo de consubstanciar e significar, juntamente com outros elementos, a existência das divindades.

Desta maneira, a música é responsável por construir uma identidade territorial referindo-se à associação entidade-espaço ao associar o nome dos espíritos a determinados “fixos espaciais”: Pomba-Gira da Encruzilhada; Exu da Calunga (Cemitério); Caboclo da Mata; Preto-Velho da Bahia/da Angola; Zé Pelintra do Morro, entre muitíssimos marcos espaço-referenciais como demonstram o ponto cantado⁷ a seguir:

“Exu das Sete Encruzilhadas”
 Era meia noite quando malvado chegou
 Era meia noite quando malvado chegou
 Corre e gira, Corre e gira vai chegar a madrugada Salve Exu, Salve Exu das Sete
 Encruzilhadas.”

⁷ Durante a observação participante nos terreiros estudados, estes foram alguns dos pontos mais escutados.

A análise do ponto cantado demonstra que há a construção do sentimento pertencimento da entidade para os territórios encruzilhadas, no caso do Exu. Leva a entender também que os pontos cantados constituem uma forma de tornar esses espaços, *a priori*, profanos, homogêneos e a-referenciais, em territórios sagrados por meio da hierofanização dos mesmos, isto é, “Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação ocorre, a hierofania revela um ‘ponto fixo’ absoluto, um ‘Centro. (ELIADE, 2010, p. 26). Assim, se o Exu está nas encruzilhadas, ei-la um “Centro”, um “território” que deve ser respeitado e usado pelos que cultuam a Exu.

3.6 TRANSTERRITÓRIO PRAÇA, PARQUE MUNICIPAL E “BERÇO”

As praças em Bocaiúva também se constituem transterritórios, pois nelas são arriadas comidas para entidades como Erês, Pomba-Giras, Orixás. A mais utilizada pelo Ilê é a Professor Wenceslau da Conceição Oliveira, situada na Avenida Hebert de Souza, conhecida como “Pracinha da Gastão”, pois fica ao lado da Escola Estadual Professor Gastão Valle. Os principais objetivos da comida arriada nesta praça é a proximidade com a escola, “[...] lugar que se aprende a subir na vida” (MARLENE, Membro do Ilê), o lugar é utilizado, portanto, por aqueles que procuram melhorias financeiras e mais conhecimento escolar.

O Zambi-Iris afirma não realizar oferendas na supracitada praça, não havendo nenhuma explicação espiritual, portanto, apenas não terem sido motivados para tanto ou nenhuma entidade ainda ter solicitado.

O transterritório “Parque Municipal” se localiza em um bairro que apresenta os melhores indicadores socioeconômicos do município (DIAS, 2010). O Parque é utilizado para por três motivos básicos: o primeiro é pela facilidade em se arriar a comida, principalmente às suas laterais, com menos iluminação e pelo pouco movimento à noite. O segundo motivo é que o parque possui uma paisagem que rememora alguns ambientes devocionais aos Orixás, como florestas, jardins e, até mesmo, praias, por conter um pequeno lago em seu interior. Assim, as comidas ofertadas no parque também relacionadas aos Orixás Oxóssi, Iemanjá, Erês, Exu e Ogum. Estes dois últimos são oferendados lá por um motivo especial (terceiro motivo): no entorno do parque, área mais distante do centro comercial e, logo, com trânsito menos intenso, todas as autoescolas de Bocaiúva realizam os treinamentos dos futuros motoristas lá, despertando no lugar o sentimento de “abertura de caminhos”. Contudo, a opção pela transterritorialização na área é devido aos dois primeiros motivos citados.



Já o transterritório “Berço” está situado nas imediações da Praça de Eventos de Bocaiúva, situada os fundos da Igreja do Senhor do Bonfim, no bairro Bonfim. Ele ganhou essa denominação, porque segundo os líderes do Zambi-Iris foi nele onde se realizou a primeira oferenda, para a Pomba-Gira Maria Quitéria. Assim, o transterritório Berço é sempre lembrado com carinho pelos umbandistas do Zambi-Iris, pois a partir da primeira oferenda, 19 de julho de 2013, outros transterritórios seriam consumados por esse terreiro.

De maneira semelhante aos outros transterritórios, o Berço é uma área que a noite é menos iluminada e é cercada de encruzilhadas, além de ter às proximidades pequenos cercados contendo muitas árvores, sendo nesse transterritório arriadas as comidas de Exu, Pomba-Gira, Erês e de alguns Orixás.

3.7 AINDA SOBRE OS TRANSTERRITÓRIOS DO ILÊ E DO ZAMBI-IRIS

Descritos os transterritórios é preciso salientar que eles conferem à comida um caráter de circulante, isto é, para se chegar até eles a comida faz um percurso do território-cozinha, às vezes passando pelos territórios-assentamentos ou território-congá, pelas ruas, avenidas e estradas vicinais do município até chegarem ao destino final, os transterritórios. Assim, é imperativo entender que a territorialidade religiosa, legitimada pelas instituições advindas de religiões, preserva a comunidade, gerando, entre outros aspectos, marcas no espaço por meio de formas simbólicas. A territorialidade insere concomitantemente as relações entre o lugar sagrado, fixos, e os itinerários constituídos por ele (ROSENDAHL, 2009).

É possível também afirmar que os transterritórios são na maior parte (re)construídos à noite, pois sempre há insegurança na hora de arriar as comidas devido ao preconceito sofrido pelos adeptos do Ilê e do Zambi-Iris. As oferendas realizadas com maior concentração, arriadas sem correria e tensão ou com menos ar de se “estar cometendo um crime”, para usar a expressão da entrevistada Elaine, Membro do Zambi-Iris, acontecem em ambientes de mata.

Por fim, os transterritórios possuem um ar de efemeridade, pois se constituem ao arriar da comida e da sacralização dele, mas se desfazem com muita rapidez, seja sendo quebradas as oferendas, conforme demonstrado na análise de alguns transterritórios, recolhidas pelos garis ou contrapostas por outras religiões. Mas justamente a efemeridade que os tange, é que parece motivar a reconstrução deles: “Tem problema não, eles quebram, mas depois que a entidade recebeu, já era. Eles quebram e nós vamos lá e fazemos mais e mais e mais” (ESTER, Membro do Zambi-Iris), sendo a fala desta entrevista um exemplo do conflito que cerca os transterritórios e do prazer em

sempre reconstruí-lo, porque fazer comida para as divindades não parece ser tarefa difícil, não para aqueles que acreditam ser a comida uma com(v)ida!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto aos territórios sagrados, físicos e metafísicos, de fato se mostraram relativos/subjetivos no Ilê e no Zambi-Iris, seja pelo “sentido sagrado” ou “profano” de quem assim os interpretam ou pela ação do tipo de comida neles arriados. Por exemplo, o território interno “Olhos da Casa” no Ilê fica visível para quem passa em frente ao Ilê despertando curiosidades, mistificações ou aversão sobre ele e sobre o que tem dentro dele (comida de Ogum e Oxum), mas ao mesmo tempo ele é dotado de sacralidade para o homem religioso do Ilê. Logo, não importa para o adepto do Ilê se as comidas objetivam o “bem” ou o “mal” para se tornar sagrada. Todavia, muitas pessoas para não “negar” completamente a fé praticada nos terreiros relativizam as oferendas dizendo que se for para “o bem” são validadas, se forem para o “mal” são invalidadas. Portanto, há uma perspectiva de relatividade da comida territorializante que assim se gesta a depender de que é “de fora” ou de que é “de dentro”.

É justamente pela relatividade/subjetividade destes territórios é que se torna possível estabelecer causas das destruições das “comidas/ofereidas” circulantes pelos transterritórios em Bocaiúva, pois, conquanto sejam relativos, podem gerar o sentimento de desterritorialização ou no mínimo em não os considerar enquanto territórios. Mas nessa lógica, se o território é subjetivo/relativo e apresenta todas as características sagradas, as comidas também assumem direta ou indiretamente tais aspectos, pois antes de ser uma questão territorial, trata-se de um ato de fé, e como tal encerra em seu bojo uma infinidade de possibilidades, o que se pode perceber por meio da análise das tensões entre os eixos religio-litígio dos campos religiosos em Bocaiúva e a relação deles com a “mistificação”/aversão a respeito das comidas oferecidas às divindades afro-ameríndio-euro-brasileiras “bocaiuvenses”.

Em se tratando da noção de transterritórios é importante salientar que se referem a uma ideia ainda em construção, que pode ser entendida como outras nuances/conceitos dentro das discussões a respeito dos territórios: alguns poderiam defini-los apenas como territórios, outros enquanto territórios sagrados, ou apenas enquanto espaço público/privado poluído pelas oferendas.

Sobre os transterritórios é preciso considerar que os provenientes do Ilê não assumem um enviesamento pós-assentamento, isto é, normalmente a comida é arriada no próprio assentamento depois ela é “despachada”. No Zambi-Iris, também assim ocorre, porém durante o período de



realização da pesquisa muitas transterritorializações se conceberam antes de passarem pelos assentamentos, indicando uma necessidade de ser visibilizado, ou ainda de tornar Bocaiúva, a “terra do Senhor do Bonfim”, também uma “terra do Senhor Exu”, da “Senhora Pomba-Gira”, dos “Senhores Orixás”, etc. A comida arriada no assentamento vai para os transterritórios com sinais de “decomposição”. Enquanto isso, as que vão diretamente para os transterritórios ainda estão “frescas”, viabilizando a ideia de que aquilo que é considerado “ação do Diabo”, “desnecessária” ou maledicente é, esteticamente bonito, dotado de criatividade, emoção, carinho para com as divindades.

Outro ponto que merece consideração é quanto à questão da poluição gerada pelas oferendas e o consumo. O dilema entre ter que cultivar as “forças da natureza”, mas ao mesmo tempo acabar poluindo-a não se equaciona no Ilê e nem no Zambi-Iris. Mesmo fazendo parte do desejo dos médiuns do Zambi-Iris retornar aos transterritórios e recolher o material deixado, isto parece não ter ocorrido, tanto pelos materiais serem quebrados, às vezes, deixados em cacos, quanto por realmente não serem recolhidos, o que foi possível perceber no retorno aos transterritórios para coletar as coordenadas geográficas para confeccionar a Figura 1. Em face disso, concordamos com Morais (2014) quando assevera ser necessária a execução de trabalhos de educação ambiental para com o povo de santo.

Concatenando como objetivos iniciais desse artigo, é possível pontuar que os adeptos constituintes do universo da pesquisa puderam de alguma maneira expressar a religiosidade que os tange e, dentro dela, a relação com a comida em suas nuances (oferenda, médiuns e transterritórios apresentados). “Dar voz” aos povos de axé é possibilitá-los reverberar a história dos terreiros aos quais pertencem, demonstrar as subjetividades que adornam os seus cotidianos religiosos/seculares e dizerem eles mesmos sobre as relações sociais mantidas em decorrência da religiosidade vivida, bem como para falar de uma temática que ainda se gesta como tabu e preconceito na sociedade brasileira, as oferendas, leigamente conhecidas com macumbas. Sobre este preconceito, há de se convir que ele é mais do que uma questão de ter opinião e uma predileção religiosa. No caso da intolerância para com a “cultura do povo de axé”, o preconceito acaba por incidir em invasões e destruição dos espaços culturais, entre outras formas de desterritorialização dos espaços sagrados instituídos por esses povos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia. Os orixás, o imaginário e a comida no Candomblé. **Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, Ano 6, Volume 11, jan-jun de 2012.

ALVES, Renata Mirian. Bocaiúva: um cenário épico resguardado em memórias. In: XVIII Encontro Regional (Anpuh - MG) – Dimensões do Poder na História, Mariana. **Anais do XVIII Encontro Regional Anpuh - MG**, 2012.

ALVES, Renata Mirian. **Cemitérios entre Tumbas e Esquecimento um Patrimônio à Sombra da Memória**. São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Montes Claros, 2014. 222p. (Dissertação, Mestrado em História).

AMARAL, Kelly Pereira. As construções da identidade religiosa da Umbanda através das perspectivas sociológicas e antropológicas. In: **X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ História e Biografias** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2002

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: Rito nagô**. 3ªed. São Paulo: Nacional, 1978, 298 p.

CARNEIRO, Leonardo de Oliveira. Territorialidades afro-brasileiras no Rio de Janeiro: Considerações sobre o Candomblé e a Umbanda. In: **Revista de Geografia do Departamento de Geociências da UFJF**. 2011, v. 1, n. 1, p. 1-8.

DIAS, Carlos Roberto Pereira. **Pobreza, exclusão social e desenvolvimento social: uma análise comparada dos bairros Cachoeirinha e Jardim Aeroporto na cidade de Bocaiúva-MG**. Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS. Universidade Estadual de Montes Claros. Minas Gerais. 2010. 180p. (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Social/PPGDS).

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 192 p.

GAMA, Lígia Barros. **Kosiejékosí orixá: simbolismo e representações do sangue no candomblé**. Recife. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco. 2009. 125p. (Dissertação, Mestrado em Antropologia)

MARTINS, Antônio Carlos Borges. Sobre a origem da Religião. **Revista Eletrônica das Faculdades de Santos Dumont**, 2009, v. 02, p. 01-09.

MORAIS, Marcelo Alonso. Espaço e expressões religiosas: teoria e prática na Geografia Escolar. In: AZEVEDO, Daniel Abreu; MORAIS, Marcelo Alonso. (Org.) **Ensino de Geografia: novos temas para a Geografia Escolar**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 26 - 46.

NADALINI, Ana Paula. **Comida de Santo na Cozinha dos Homens: um estudo da ponte entre alimentação e religião**. Curitiba. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná. 2009. 183p. (Dissertação, Pós-Graduação, Ciências Humanas, Letras e Artes).

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São/ Paulo: Brasiliense, 1999. 205p.

PERY, Iassan Ayporê. **Umbanda: Mitos e Realidades**. Centro Espiritualista Caboclo Pery: Niterói, 2008. 126p.

PORTUGAL, Clarice Moreira. **Da linguagem dos infortúnios às narrativas de doença: o sofrimento psíquico e a construção de itinerários terapêuticos entre adeptos do candomblé**. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro. 2014. 233p. (Dissertação - Pós-Graduação em Informação - Comunicação e Saúde).



RABELO, Miriam Cristina Marcílio. Os Percursos da Comida no Candomblé de Salvador. **Papeles de Trabajo**, 2013, n° 11, maio de 2013, p. 86-108.

RIBEIRO, Pedro Henrique Mendes. Comida e religiosidade: dos cultos afro-brasileiros para a história da alimentação brasileira. In: **Semana de Humanidades**, 2009, Natal. Anais da XVII **Semana de Humanidades**. Natal: UFRN, 2009.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996, 89p.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, simbolismo e religião: resenha do simpósio temático. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, Paraná: 2009, v. 1, n. 3. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acesso em maio de 2017.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**: do Pensamento Único a Consciência Universal. 16ª ed. São Paulo, Record: 2008, 176p.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2008, 175p.

Recebido em 25 de julho de 2018
Aprovado em 12 de outubro de 2018